

O milenarismo e os comentários ao *Apocalipse* de Brás Viegas, S.J (†1599).

INTRODUÇÃO.

Estamos no ano 2000, fim/começo de Milénio da era cristã, adoptada desde que o monge Dionísio o Exíguo ou Pequeno (†545) se deu ao trabalho de estabelecer uma cronologia condizente com a religião dominante na Europa do séc. VI. Apesar de vivermos já na iminência da pós-modernidade, o homem de sempre continua ligado a atávicas mentalidades e ideias mais ou menos esotéricas, deixa-se atemorizar por pesadelos ancestrais, os eternos terrores que, como incubo reversível, pesam continuamente sobre a consciência colectiva da humanidade. Por isso mesmo, o tema do Milenarismo, que o *Livro bíblico do Apocalipse* veicula, é, naturalmente, de ponta, senão mesmo de moda, nesta era de recomeço, em que parece que a fada Ariana tece de novo os fios do eterno retorno do nosso caminhar teleológico sobre os escômbros de apocalípticos cataclismos.

Muito se tem escrito, de facto, sobre o Ano Mil, o primeiro e o segundo, agora quase sempre tentando desmitificar aquele síndrome de medo e de pânico que o romantismo do século passado enfatizou acerca do primeiro e longínquo Ano Mil. Pouco, porém, se tem reflectido acerca do *Livro do Apocalipse* e da doutrina milenarista que, pretensamente, nele é apresentada. Desde 17 de Dezembro passado até 24 de Abril de 2000, está aberta no “British Museum” de Londres uma curiosa exposição sobre o Apocalipse, último livro do Novo Testamento cristão: *The Apocalypse and the Shape of Things to Come*. Numa selectiva recolha de ilustrações, estão lá expostos manuscritos e livros impressos, bem como documentos filmados sobre o tema, desde a Idade Média até hoje. Merecem especial relevo 15 gravuras em madeira de Albrecht Dürer, 1498, ilustrando o tema dos *Quatro Cavaleiros do Apocalipse* e bem assim o filme de Rudolfo Valentino, rodado em 1921 sobre o mesmo tema (Apoc. 6, 2-6).

Valerá, por certo, a pena, em termos de cultura portuguesa, abordar também, ainda que brevemente, a obra do jesuíta Brás Viegas no que ao *Livro do Apocalipse* se refere, até porque o seu comentário constituiu, a nível

internacional, um testemunho do alcance da cultura portuguesa nos começos do séc. XVII.

I – O síndrome do Milenarismo¹.

Milenarismo é termo de origem bíblica e cristã, porquanto se baseia no texto do Apocalipse 20, 1-6: «*Vi, depois, um anjo que descia do céu. Trazia na mão a chave do Abismo e uma grande corrente. Agarrou o Dragão, a serpente antiga, que também se chama Diabo ou Satanás; prendeu-o por mil anos e lançou-o no Abismo, que depois fechou e selou para que ele não mais enganasse as nações, até que se completassem mil anos. Depois deste período, o Diabo deve ser solto por algum tempo. Vi também alguns troncos; e aos que neles estavam sentados foi dado o poder de julgar. Vi ainda as almas dos que foram decapitados pelo testemunho de Jesus e pela Palavra de Deus, os quais não adoraram a Besta, nem a sua estátua, nem trouxeram na frente ou na mão o sinal da Besta. Eles reviveram e reinaram com Cristo durante mil anos. O resto dos mortos não voltou à vida antes de se cumprirem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição*».

É longa a citação, mas necessária para se poder avaliar do seu significado e alcance bíblico-simbólico. Antes de mais, convenhamos que, de maneira genérica, o número mil é usado na *Bíblia* como termo indefinido e de plenitude, a indicar algo de longa duração, indeterminada: “Mil anos diante de vós, Senhor, são como o dia de ontem que já passou e como a vigília da noite” (Sl. 90 (89),4).

Contudo, o texto bíblico acima citado pertence a um livro cujo género literário nos transporta ao mundo do judaísmo inter-testamentário, em que vigorava o gosto de traduzir em linguagem metafórica as situações catastróficas de grande impacto pessimista e alarmista, que, por isso mesmo, tinham uma conotação escatológica e acarretavam a ideia de *fim do mundo*.

Como todo o *Livro do Apocalipse*, a ideia de Milenarismo é, em grande parte, uma ideia metafórica, a encobrir um sentido oculto perante as perseguições emergentes contra os cristãos. Na verdade, o milenarismo só é possível nas religiões que admitem um sentido teleológico para a humanidade e, consequentemente, acreditam no fim do mundo. Por isso, a tensão do fim, a escatologia, em termos de linguagem, tem a sua expressão mais mediática no milenarismo.

Este, enquanto perspectiva mais ou menos desvirtuada da crença cristã, nasceu da interpretação literal do dito texto do *Apocalipse*, ancorada na expectativa da primitiva comunidade cristã em relação à Parusia de Jesus. Com

¹ Geraldo J. A. Coelho DIAS, *O labirinto milenarista: medos do passado, desafios do futuro. Humanística e Teologia*, 19, Porto, 1998, 101-116.

efeito, é sabido que o retardamento da Parusia ou nova vinda de Cristo conseguiu criar em certos ambientes cristãos um tal qual síndrome de angústia, que está bem testemunhado na I Epístola de S. Paulo aos Tessalonicenses. Por conseguinte, o Milenarismo, quase sempre ligado às noções de Parusia e Escatologia, tem servido para dar cobertura a realidades e situações de agitação e crise com que se quer inculcar a ideia de fim e destruição do mundo.

No *Apoc.* 20, 1-6, o autor do livro quer afirmar o domínio de Cristo, como Senhor do mundo e fonte de bem sobre o Demónio e Anticristo, enquanto força maligna oposta a Deus e ao homem. Neste passo, como em todo o livro, o autor usa a linguagem figurada tão típica da literatura apocalíptica, sempre fecunda e rica em imagens grandiosas e fantásticas, a retratar situações de conflito dualístico, a eterna luta do bem e do mal. Para isso, há um constante apelo ou recurso à técnica das visões. Com a lupa engrandecedora da fé, o autor quer significar que as forças do mal não conseguirão sobrepor-se às forças do bem. As terríficas visões dos cavaleiros e dos animais preparam o terreno psicológico para o combate deste passo crucial em que, de modo alegórico, se diz como Cristo dominará e acorrentará o Demónio durante mil anos, o que proporcionará aos crentes um tempo de paz e de tranquilidade. Neste contexto, faz-se recurso à derrota de Gog e Magog, misteriosas figuras lendárias e simbólicas da antiga literatura profético-apocalíptica do judaísmo (Ez. 38,3; 39,6), percebidas como antecipação premonitória da derrota de Satanás e do Anticristo. Após isso, estabelecer-se-ia então, durante mil anos, o reinado glorioso de Cristo com os seus eleitos na terra pacificada. Na intenção do hagiógrafo visionário, o texto nada anuncia de escatológico e definitivo; apenas sugere que as forças do mal não levarão a melhor e que Cristo será o vencedor definitivo. Naturalmente, uma tal lição teria grande alcance consolatório e estimulante para a primitiva comunidade cristã confrontada e atemorizada com as perseguições que lhe estavam então a ser movidas.

Uma interpretação tão linear, num segundo tempo, não satisfaz os ânimos tímidos ou assustadiços e vai de se enfatizar o sentido literal e grosseiro do texto. Tal foi o sistema hermenêutico de alguns heresiarcas dos primeiros séculos cristãos, mas já Orígenes e Santo Agostinho consideravam isso um disparate judaizante e o recente Catecismo da Igreja Católica apresenta-o como «falsificação do Reino de Deus»². Todavia, a Igreja nunca condenou explicitamente o milenarismo como heresia. Os estudiosos, porém, esses costumam chamar-lhe também *Quilianismo*, da palavra grega que significa mil e distinguem *Milenarismo Absoluto* e *Milenarismo Mitigado*. O *Absoluto* é aquele que toma à letra os mil anos e, de forma grosseira, se refere ao usufruto de bens materiais que os eleitos gozariam na terra em presença de Cristo durante o

² *Catecismo da Igreja Católica*, Coimbra, 1993, 161, 675-676.

interlúdio de mil anos antes do fim do mundo. O *Mitigado* entrevê apenas um reinado de justiça e de paz universal, mesmo sem cair no literalismo a respeito dos mil anos.

Como quer que seja, o milenarismo tem sido, ao longo dos tempos, uma ideologia saudosista pelo regresso de Cristo e de medo pelo fim do mundo. Deste modo, aparece ciclicamente em momentos de calamidade, ligado a aparições, revelações e visões, dando origem a uma doentia teia de literatura visionária, fomentando crises psicológicas colectivas e incutindo temores alarmantes. Foi assim que se criou o «terror» do Ano Mil, que Júlio Michelet enfatizou e agora Georges Duby procura desmitificar, como, aliás, já o tentara Henrique Focillon³. De resto, a análise da obra do monge beneditino cluniacense, Rudolfo (Raul) Glaber⁴, que acompanha cronologicamente a história europeia na passagem do primeiro milénio, não permite constatar a ideia da iminência do fim de mundo ou qualquer verdadeiro assomo milenarista, por mais que faça referência a calamidades e desgraças. Foi num comprimento de onda semelhante, atendendo à crise religiosa da sociedade europeia, que Joaquim de Fiore (1130-1202) vislumbrou a ideia da Igreja espiritual, a que haviam de aderir os franciscanos espirituais. A Idade Média, aliás, conheceu vários tipos de milenarismo com místicos e revolucionários⁵. E todos conhecemos o interesse que têm suscitado as profecias de Nostradamus⁶ bem como os movimentos que, de quando em vez, agitam o fantasma do Ano Mil⁷ e sabemos como algumas seitas estão sistematicamente a anunciar e a retardar o fim da humanidade e o julgamento final. Em Portugal, porém, houve mesmo quem no séc. XVI combatesse a ideia do fim do mundo. Foi o caso do monge jerónimo, Fr. António de Beja, que procurou refutar os argumentos do astrólogo alemão João Stoeffler, escrevendo um curioso trabalho com o fim de serenar os espíritos aterrorizados⁸; mas como não lembrar o Sebastianismo e todo o movimento visionário do P^e. António Vieira com a obra *História do Futuro* ou, mais recentemente, a nebulosa crença do «*Quinto Império*»?

³ Georges Duby, *O Ano Mil*, Lisboa, 1986; Henri FOCCILLON, *L'An Mil*, Paris, 1952.

⁴ Rudolphus GLABER, *Historiarum libri quinque*, in J. P. MIGNE, *Patrologia Latina*, CXLII, 609-698. Cfr. A tradução de M. ARNOUX, *Raoul Glaber. Histoires*, Turnhout, 1996.

⁵ Normann COHN, *Na senda do milénio: Milenaristas revolucionários e místicos da Idade Média*, Lisboa, 1981.

⁶ Jean-Charles DE FRONT-BRUNE, *NOSTRADAMUS, Historiador e Poeta: As profecias de 1550 ao ano 2000*, Lisboa, 1997.

⁷ Hillel SCHWARTZ, *Os Finais do Século*, Lisboa, 1992.

⁸ Fr. António de BEJA, *Contra os juizos dos astrólogos*, Lisboa, 1523.

Compreende-se, assim, que neste fim//começo de milénio, os meios de comunicação social tanto badalem o tema da apocalíptica milenarista⁹ e aos ouvidos dos crentes tragam o terrificante próloquio: «Aos dois mil chegarás, dos Dois mil não passarás»!

Pois bem, face ao *Apocalipse*, que pensava o português Brás Viegas no século XVI, ele que era um especialista da exegese bíblica e que tanto, parece, se interessou por profecias e figuras bíblicas?

II – A pessoa e a obra de Brás Viegas¹⁰.

Os dados da sua vida são relativamente bem conhecidos e a investigação não fornece novidades para os que lidam com os estudos bíblicos. Mas, este breve e despretencioso trabalho é uma homenagem a este vulto da cultura portuguesa, quando está a passar o quarto e esquecido centenário do seu falecimento, e uma maneira de trazer à nossa memória cívica a lembrança do seu contributo para os estudos bíblicos.

Nasceu em Évora no ano de 1553. Seguiu a vida religiosa entrando para o noviciado a 15 de Fevereiro de 1569 no Colégio do Espírito Santo dos Padres Jesuítas. Muito jovem, ali fez estudos de Filosofia e Teologia, alcançando na Universidade o bacharelato em Filosofia a 3 de Março de 1572. Todavia, em 1575, quando já professor de Artes no Colégio de Santo Antão de Lisboa, seguiu para o Colégio Romano de Roma a aprofundar os seus estudos. Talvez esta estadia na Cidade Eterna tenha infundido no seu espírito uns fumos de vaidade intelectual e de auto-estima. O que é certo é que, regressado a Portugal, teve uma crise psicológica e espiritual, que levou os superiores jesuítas a retardar-lhe a profissão. Humilhado, chegou a fugir para o convento dos franciscanos e tal foi a sua obstinação e resistência, que o Provincial dos Jesuítas se viu obrigado a recorrer a bulas papais para o tirar dali e o meter, como prófugo religioso, numa cela do Colégio do Espírito Santo. Depois, os superiores, como que querendo compensar aquela dura provação, pensaram enviá-lo de novo para Roma, mas, desta feita, foi ele próprio que, escrevendo ao

⁹ No ano findo, só em França, deparamos com 7 títulos: Dominique BARTHÉLÉMY, *L'An Mil et la paix de Dieu*, Paris, 680; Claude CAROZZI; Huguette TAVIANI-CAROZZI, *La fin des temps. Terreur et prophéties au Moyen Age*, Paris, 19; Georges DUBY, *An Mil An 2000. Sur les traces de nos peurs*, Paris, 160; Sylvain GOUGGENHEIM, *Les fausses terreurs de l'an mil*, Paris, 232; Laurent THEIS, *Robert le pieu, le roi de l'an mil*, Paris, 276; André VAUCHEZ, *Saints, prophètes et visionnaires*, Paris; Eugen WEBER, *Apocalypses et Millénarismes*, Paris, 330. Em Portugal foi traduzido o livro de G. DUBY, *Ano 1000 Ano 2000. No rasto dos nossos medos*, Lisboa, 1997 e apareceu outro de José Eduardo FRANCO; J. Manuel FERNANDES, *O mito do Milénio*, Lisboa, 1999.

¹⁰ Mons. José Filipe MENDEIROS, *As ciências Sagradas no primeiro meio século da Universidade de Évora*, Évora, 1963, 102-106. Separata da revista "Alvoradas".

Geral da Companhia de Jesus (2/XI/1585)¹¹, conseguiu dispensar-se dessa aparente recompensa, que poderia ser interpretada como manobra sua para fugir à obediência. Assim, Brás Viegas pôde leccionar com proveito no Colégio de Coimbra Humanidades e Filosofia. Mais tarde, em 1589, o Visitador da Companhia, o célebre teólogo da *ciência média*, o P^c. Pedro da Fonseca (†1599), que reconhecia as capacidades intelectuais do P^c. Viegas e bem assim o seu profundo conhecimento das línguas bíblicas, nomeou-o professor de Sagrada Escritura na Universidade de Évora. Nesta nomeação foi censurado pelo próprio Geral da Companhia de Jesus, P^c. Cláudio Aquaviva, que considerava Brás Viegas um apóstata da Companhia de Jesus. Posteriormente, ele mesmo havia de recomendar a publicação dos Comentários ao Apocalipse. Com efeito, a nomeação manteve-se, e Brás Viegas, com o seu comportamento subsequente, terá deixado satisfeito o Visitador e o Padre Geral. Manteve-se, todavia, o seu espírito rebelde e irritável dentro das observâncias jesuíticas, conforme narra o citado P^c. Francisco Rodrigues e o confirma o cronista da Companhia¹², mas, enquanto professor, Brás Viegas ganhou admiração de alunos e creditou-se como óptimo professor, produzindo obra notável.

Sucedeu como professor (1589-1597) ao famoso exegeta P^c. Sebastião Barradas, S.J (†1615), na Cadeira de Sagrada Escritura da Universidade de Évora, onde se doutorou a 24/VII/1594 e professou solenemente a 24/IX/1595, vindo a falecer muito novo a 22/VIII/1599 no Colégio do Espírito Santo onde jaz sepultado. Foi um grande e substancioso pregador além de exegeta de notável craveira, como sublinha o referido cronista da Companhia. Se, por vezes causava problemas disciplinares aos superiores, não deixou de alardear a fama intelectual da Companhia, prestando relevantes serviços no campo dos estudos bíblicos ao tempo.

É conhecida a obra de Brás Viegas, sobretudo, no domínio da exegese bíblica, que foi o campo específico do seu estudo. Na verdade, uma só obra sua de carácter escriturístico foi impressa, que parece chegou mesmo a ser mandada traduzir para abexim pelo P^c. Afonso Mendes, S.J, Patriarca da Etiópia, que também regeu a cadeira de Sagrada Escritura em Évora.

Trata-se precisamente da obra – *COMMENTARII//EXEGETICI//IN APOCALYPSIM//IOANNIS APOSTOLI//AVTORE//Blasio Viegas Lusitano Eborensi Societatis IESU, Doctore Theo-//logo, & publico sacrarum literarum in Eborensi eiusdem // Societatis Academia professore.//* (Vinheta com o monograma IHS)//Eboraë //Apud Emmanuelem de Lyra.//1601.// Trata-se dum precioso volume de 320x201mm. e 856 páginas. Esta obra póstuma, no espaço

¹¹ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, II, 1, Porto, 1938, 402-403.

¹² António FRANCO, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus do Real Collegio do Espírito Santo de Évora*, Lisboa, 1714, 857.

de 16 anos, desde 1601 a 1617, contou mais 10 edições, todas no estrangeiro: 1602: Leão de França e Veneza; 1603: Colónia; 1606: Leão, Paris; 1608: Veneza; 1614: Tours; 1615: Paris; 1617: Colónia, duas edições. Sabe-se também quanto o “*Doctor Eximius*”, o notabilíssimo Pe. Francisco Suarez, S.J (†1617), professor na Universidade de Coimbra, estimava este comentário bíblico. De resto, o extraordinário P^c. António Vieira classificaria Brás Viegas como «Pai dos conceitos»¹³.

Traduziu ainda do italiano e também foi publicada em edição póstuma uma obra do P^c. Vicente Bruno, jesuíta italiano: *Meditações sobre os Mistérios da Paixão, Ressurreição e Ascensão de Cristo N. Senhor, e Vinda do Espírito Sancto. Com Figuras e Profecias do Testamento Velho e Documentos tirados de cada Hum dos Passos do Evangelho. Recolhidos de diversos Sanctos Padres e outros Auctores pelo Padre Vicente Bruno Sacerdote da Companhia de IESU. Agora novamente traduzidas de lingoagem Italiana na Portuguesa, e acrescentadas com muytos lugares da sagrada Escritura pelo P. Bras Viegas da mesma Companhia, Doutor em Theologia, e Lente de Escritura na Universidade de Évora*, Lisboa, por Pedro Craesbeck, 1601. Teve ainda edições em Évora, 1678; Lisboa, 1832.

Nas bibliotecas de Évora e Lisboa encontram-se outros manuscritos, autênticas sebatas de aulas em que Brás Viegas comentava livros da Sagrada Escritura:

Biblioteca Pública de Évora: Códices 125, 1-3: *Victoria pro Messia*, 1591; 102-1-20, I: *In celebriores utriusque Testamenti visiones*; 102-1-20, II: *In Aggaeum*; 102-1-20, III: *In Jonam*.

Biblioteca Nacional de Lisboa: Códices 5765; 7675: *In Apocalypsim*, 1591; 2869, I: *In Apocalypsim, XII, 1 – Mulier amicta sole*; 3857: *Compilatio operum Dionysii Areopagitae*; 2850, III; 2860; 5216, I: *In Zachariam*, 1597; 2850; 5216, II: *In Aggaeum*; 2850, II: *In Jonam*, 1597; 2869, II; 5216, III: *Jonas, cap. II-IV*.

Fiquemo-nos, entretanto, no primeiro trabalho publicado de exegese bíblica, cujo estudo, por amável deferência e empréstimo do Prof. Doutor José Adriano de Carvalho, vamos fazer através da primeira edição latina de Évora, 1601.

Neste longo comentário ao mais difícil livro do Novo Testamento, Brás Viegas mostra-se fiel discípulo do grande mestre de Escritura P^c. Sebastião Barradas, cuja metodologia aplica e cujas normas exegéticas segue. Os seus comentários, embora pretendendo ater-se à exegese literal da Sagrada Escritura, mostram grande preocupação com o sentido cristológico e eclesiológico, denotando também uma real propensão para aquilo que se pode chamar o

¹³ José Maria de Queirós VELOSO, *A Universidade de Évora. Elementos para a sua História*, Lisboa, 1949, 146.

sentido moral ou tropológico. Quase tudo se vê em referência a Jesus Cristo e à Igreja para utilidade dos crentes. Todo este comentário se insere no contexto da exegese católica em frente da hermenêutica protestante, procurando, por isso, à luz da tradição patristica e de constantes citações dos Santos Padres, o célebre binómio da teologia católica pós-tridentina – *Bíblia e Tradição* –, mas também com recurso a autores contemporâneos, apresentar e realçar a doutrina da Igreja católica na sua luta contra o protestantismo. É evidente, portanto, o carácter apologético e anti-protestante, sendo Lutero várias vezes referido. Ficam, assim à partida, arredadas as especulações fantasmagóricas que seria lícito esperar do comentário a um livro desta natureza e bem assim as ideias apocalípticas que ele poderia inspirar.

O livro foi preparado pelo autor para ser impresso e, de facto, o texto propriamente dito é precedido da dedicatória ao Cardeal Odoardo Farnese, da aprovação elogiosa do jesuíta Fernando Rebelo, Chanceler da Universidade de Évora e dum meticuloso índice remissivo de 60 páginas a duas colunas não numeradas, organizado por temas alfabéticos. Por ele, é fácil constatar que os termos *Milenarismo* ou *Quilianismo* nem sequer aparecem no índice. O autor andava noutra onda.

Na dedicatória ao Cardeal, o próprio autor se refere ao cansaço e ao peso que os comentários ao Apocalipse lhe causaram, recordando a pesadíssima esfera de bronze que S. Jerónimo diz ter visto em Atenas junto da estátua de Minerva e em que os atletas experimentavam a sua força, mas que ele, pela fraqueza do corpo, mal conseguiria mover¹⁴.

O Pe. Fernando Rebelo, S.J., Chanceler da Universidade de Évora, louvava a obra e apresentava Brás Viegas como «*vir plane admirabilis ... omnibus Christiani Doctoris numeris absolutissimus*», acabando por reconhecer que, quer pregando, quer interpretando a Sagrada Escritura, ele viveu pouco para si e muito para os outros: «*sibi parum, nobis vero vixise multum*».

Antes da licenças dos Censores da Inquisição e do Provincial da Companhia, ao tempo, P^o. Cristovão de Gouveia, como era costume da época, vem um engenhoso epigrama em verso latino do P^o. Manuel Pimenta, S.J., louvando o autor da obra.

Nos seus comentários, em latim escoreito e algo rebuscado, o autor segue a ordem dos capítulos do Apocalipse, consagrando alguns desenvolvimentos ou comentários a temas que lhe pareciam mais importantes. Estão nesse número o Cap. 12 sobre a Mulher vestida de sol e o Cap. 13 sobre o Anticristo. Fá-lo sempre, porém, escudado no parecer dos mestres consagrados da doutrina católica, entre os quais avulta Santo Agostinho. É a ele que recorre com mais frequência quando quer confirmar as suas opiniões, mas os Padres da

¹⁴ HIERONYMUS, *Commentarii in prophetasd minores: In Zachariam*, Lib. 3, Cap. 12.

Igreja e escritores eclesiásticos antigos são a panóplia mais constante da sua armadura exegética.

Quanto ao Cap. 20, ficamos com a ideia de que ele não atraiu sobremaneira o autor, uma vez que todo o comentário é breve e a imagem forte da visão não parece ter impressionado o comentarista. Há apenas o *commentarium unicum exegeticum*, pp. 815-831, em três secções nas quais se pretende expor o sentido literal: *literalis sensus traditur*.

Antes de mais, na secção primeira, desde logo se afirma, com base na autoridade dos Padres (Santo Agostinho – *De civitate Dei*, Lib. 20, Cap. 7), que o Anjo que desce com a cadeia é Jesus Cristo. Depois, veja-se a explicação rápida do número mil, também ela baseada na explicação de André César e na autoridade de Santo Agostinho e S. Gregório Magno: «*totum tempus, quod a morte Christi usque ad adventum Antichristi decurrit*». Não deixa, todavia, de advertir que o número milenário é número de perfeição e totalidade, a plenitude do tempo, e mais uma vez aproveita para citar Santo Agostinho.

Quanto à libertação do Demónio «por algum tempo» – *modico tempore* –, v. 3, redú-la a três anos e meio, enquanto tempo breve, metade da eternidade que é indicada pelo número 7, portanto, quarenta e dois meses, mil duzentos e sessenta dias. Não podemos esquecer que uma das características da exegese judaica era a matemática sagrada, a gematria teológica, explicitada por números simbólicos. O tempo da perseguição diabólica será o tempo da Igreja, que decorre entre o Pentecostes e a Parusia (cfr. Dan. 7,25; 8,14; Apoc. 11,2-3; 12,6) durante o qual, porém, o Demónio só poderá fazer mal àqueles que, por culpa própria, se deixarem agarrar por ele, tal como as pessoas que, imprudentemente, se deixam ferrar por cão ou leão presos.

Claramente distingue os mil anos do reinado dos santos com Cristo, dos mil anos em que o Demónio estará preso e depois dos quais pode reinar, remetendo para uma mais alargada análise na secção seguinte.

Neste contexto, rebate a interpretação grosseira dos Quiliastas, entre os quais se contaram o herege Cerinto, Caio e talvez Papias de Hierápoles¹⁵. Esses, segundo Eusébio de Cesareia e S. Jerónimo, entendiam o Reino de Cristo como um tempo de prazeres carnis: «*in terra in omnibus carnis deliciis regnaturum*».

Com a libertação do Demónio, passa a discorrer sobre a batalha de Gog e Magog. A respeito destas figuras simbólicas do profeta Ezequiel, 38-39, torna a citar escritores eclesiásticos (Eusébio, Jerónimo, Agostinho, Ambrósio)

¹⁵ Além de outros escritores, cita sobretudo Eusébio de Cesareia, *Historia ecclesiastica*, Lib. 3, cap. 28 e cap. 39 e S. Jerónimo, *De viris illustribus*, cap. 18. Mas aqui, é evidente que o Papias de que se fala é o bispo de Hierápoles e não de Jerusalém, como erradamente parece indicar o texto abreviado do nosso autor ao escrever: “*Eundem errorem plerique tribuunt Papias Hierosol. Episc.*”! Chegamos a surpreender mais o conhecimento dos Padres e escritores que cita do que propriamente a exegese que faz. Vê-se que há uma permanente preocupação de tudo confirmar pela autoridade da tradição eclesiástica.

e, com S. Jerónimo, identifica-os com o Diabo e seus anjos a lutar com Miguel e os anjos bons. Aqui, porém, com S. Jerónimo aplica os seus conhecimentos linguísticos de hebraico, e diz que Gog significa “tecto” e Magog “do tecto” e introduz a questão da identificação histórica de Gog e Magog com os bárbaros godos ou scítias, isto é, os povos descendentes de Jafet, que vivem a norte, como mostra a «Tábua dos Povos» no Livro do Génesise (Gn. 10,2). Diz que embora o exército de Magog abarque todos os inimigos de Deus e da Igreja, nomeiam-se de modo particular as gentes de Magog por serem as mais ferozes e bárbaras: *«quia ferociores sunt, et supra modum barbarae et immanes, atque adeo in illis precipuum exercitus Antichristi robur positum erit»*.

Admitindo, pois, tal identificação, diz tratar-se duma figura literária de sinédoque, em que se toma a parte pelo todo: *«Itaque per synecdochen accepta parte pro toto universus Antichristi exercitus ex Gog, et Magog conflatus dicitur, et bellum movere adversus castra Sanctorum, et civitatem dilectam, hoc est, Ecclesiam»*.

E a primeira secção termina sem qualquer alusão ao fim do mundo ou a desgraças apocalípticas.

A segunda secção retoma alguns pontos mais difíceis do contexto *Contextus percurritur, et quedam in eo difficiliora explicantur*, particularmente o tema dos mil anos, sem, todavia, algo acrescentar digno de nota.

Na realidade, em todo o Comentário ao Apocalipse o que mais prende a atenção do exegeta é o tema do Anticristo. Por isso o estuda «per longum et latius» no comentário do cap. 13: *«Commentarium secundum exegeticum. De Antichristo»*, pp. 721-742. Há em todo o comentário como que uma preocupação de estilo escolástico através do uso da partícula interrogativa *UTRUM* com que se introduzem 16 questões e, entre elas, o problema dos sinais e prodígios que o Demónio, sob a capa do Anticristo, fará aparecer. Aí, sim, surge o tema milenarista, se bem que a palavra não apareça. Mais uma vez recorre aos escritos dos Padres da Igreja e a outros escritores eclesiásticos. Mas também aqui a resposta é evasiva, até porque «o Anticristo é o verdadeiro homem do futuro» e não o Demónio oculto sob um corpo fantástico e aparente *«Daemonem sub phantastico, et apparente corpore occultatum»*. Na realidade, para ele, venha o que vier, nem prodígios nem perseguições, nada poderá destruir o vigor da Igreja de Jesus Cristo: *«numquam tamen Christi Ecclesia, fidesque ac religio labeffectari poterunt»* (p. 734). Afinal, a prisão e agrilhoamento do Demónio consiste, segundo S. Agostinho¹⁶, em impedir que ele exerça toda a sua violência contra os santos e fiéis de Deus: *«Alligatio Diaboli est non permitti exercere totam tentaionem, quam potest, vel vi, vel dolo, ad seducendum homines...»* (p- 734).

¹⁶ AUGUSTINUS, *De civitate Dei*, Lib. 20, cap. 8.

CONCLUSÃO – Na extensão dum trabalho da natureza do *Comentário ao Apocalipse* do P^o. Brás Viegas, quisemos apenas, por ocasião do centenário da sua morte, lembrar o homem e a sua obra, sobretudo na perspectiva do Milenarismo, em que, aliás, ele não embarca. Este comentário é, sem dúvida, uma obra notável para o tempo. Insere-se numa exegese muito realista, cheia de erudição no campo da patrologia e da literatura eclesiástica, com evidente preocupação apologética na defesa da doutrina católica e da Igreja, fazendo aparecer as notas características da teologia bíblica da Contra-reforma. É evidente que este tipo de exegese está muito longe da nossa exegese moderna em que se segue o método da crítica literária e histórica, onde o sentido literal gramatical e contextual está primeiro. Por isso, os comentários do P^o. Brás Viegas podem deixar insatisfeito e desiludido qualquer um daqueles que se habituaram à exigência e fecundidade dos estudos bíblicos modernos, mas que não devem deixar de reconhecer os méritos que a obra teve no seu tempo.

Geraldo J. A. Coelho Dias, OSB/FLUP

Abstract:

*On the year we commemorate the four hundredth anniversary of Brás Viegas, S. J. death, it is the purpose of this text to comment on and point out the importance of the *Commentarii Exegetici in Apocalypsim* (Évora. 1603), drawing attention to some of the characteristics which made it a well known work throughout Europe.*

